POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS POÉTICAS: UM CONVITE AO DEVANEIO

POETIC POSSIBILITIES OF LEARNINGS: AN INVITATION TO THE REVERIE

Eliege Moreira[1]

Felipe Gustsack[2]

RESUMO: A arte poética perpassa a história da humanidade e transcende nossas experiências prosaicas. Apresentamos aqui algumas possibilidades de aprendizagens pelo caminho dessa linguagem do poético no cotidiano dos fazeres e afazeres em Educação. Chamamos a atenção para experiências estéticas na vida mundana de educadores/as que escolhem a boniteza das aprendizagens enquanto experiências de fruição com Poesia em ação devaneante, capaz de provocar o imaginário. Dentre as possibilidades de aprender com a linguagem poética, destacamos as aprendizagens de si, cujas experiências podem contribuir para o autoconhecimento e a construção de uma identidade crítica e ao mesmo tempo sensível, autopoiética.

Palavras-chave: Sensível. Poético. Devaneio. Educação. Linguagem.

Poesia como ação ensinante

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra

[1] Doutora em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Mestre em Literatura e Graduada em Letras-Português pela Fundação Universidade Federal de Rio Grande - FURG, Especialista em Letras/Libras pela UNICID, Especialista em Tradução e Interpretação de Libras pela UNOPAR e Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Professora de Língua Portuguesa na rede pública municipal de Bagé-RS e servidora Técnica em Educação na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

[2] Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Graduado em Letras-Português - Inglês e Literaturas, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEdu da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade

A aprendizagem e seus complexos modos de acontecer, por muitas vezes, se dá de maneira semelhante ao que Carlos Drummond de Andrade (1973) traduz no poema acima transcrito. As pedras encontradas pelo caminho nos podem paralisar, machucar, fazer tropeçar, por outras vezes até desistir ou recuar a fim de nos recuperar.

Paradoxalmente, o poeta chama a atenção para a vida mundana na qual um encontro rotineiro com uma pedra tem a potência de tirar-lhe da própria rotina, da vida prosaica e lançar-lhe subitamente ao mundo devaneante das possibilidades poéticas ao olhar para uma pedra e compor um poema. Da mesma forma, percebemos que o cotidiano dos processos educativos muitas vezes nos apresentam acontecimentos que se assemelham a uma pedra no meio do caminho, ao que o autor menciona no poema, e é nessa hora que mais precisamos de um pouco de leveza e devaneio poético para podermos continuar a andar, a realizar nossa rotina e enfrentar o cansaço.

Assim, acreditamos ser entre o que pode haver de experiência poética nos processos educativos e o que pode haver de pedagógico nelas que situamos as reflexões trazidas aqui. Nesse sentido, pensamos que para que uma experiência poética – com ou sem um poema em versos – seja uma ação ensinante faz-se necessário primeiramente que haja uma conexão sensível entre as diferentes potencialidades existentes, a saber: o aprendiz, a situação ou ambiente, o veículo poético e o condutor do veículo.

Partindo de *A leitura literária na escola* de Catherine Tauveron (1999, 2002-2003), percebemos que as práticas pela autora adotadas e defendidas também poderiam ser utilizadas fora do contexto da sala de aula. Ressaltamos que essa nossa opção se deu sem negligenciar, nem tampouco olvidar o caráter pedagógico da ação, adotando – e provocando a adotar – uma postura puramente artística ao apostar, tal qual a autora, na inteligência e na sensibilidade dos participantes, pois a aprendizagem que aqui defendemos não se pretende e nem decorre de algum tipo de manual ou técnica pedagógica.

Na obra intitulada *Na Escola da Poesia*, Georges Jean (1989) evidencia na introdução do seu texto a relevância do que pretendemos dizer. E, embora não seja nosso propósito dar um tom reducionista ou pouco importante às metodologias de maneira geral, propomos uma reflexão que possa transcendê-las uma vez que se apresentam, muitas vezes, desarticuladas do poético. Pensar a aprendizagem segundo uma abordagem que considere a fruição e o deleite com a poesia, possibilita tornar a experiência de aprender agradável. Assim como Georges Jean (1989, p. 11-12), nos propomos:

> a mostrar que a poesia não depende de qualquer pedagogia no sentido restrito do termo. Não se trata de modo algum de descrever os métodos adequados para ajudar as crianças, os adolescentes (e adultos) a adquirirem conhecimentos mais completos e mais finos deste tipo de discurso considerado "poético". Trata-se de sentir e de saber como se entra na poesia e por que razão essa espécie de imersão da criança e do adolescente num banho de linguagem, cuja função não se reduz à comunicação, pode contribuir para ajudar o psiquismo a equilibrar-se e o imaginário a construir e a estruturar os seus domínios.

É esse banho de linguagem que vai além do utilitarismo comunicacional que nos interessa nessa experimentação pelos sentidos e pelas palavras. É para esse aprendizado que tem a potência de trazer para o tangível – a escrita – tudo que não pode ser tocado, mas que é exposto, que é experimentado e que poderá, em devir, ser expressado, que nos interessa. Pelas palavras do autor, ainda, procuramos propor, adotar e defender a perspectiva de que:

> […] "do jardim infantil à universidade", que a poesia se torne um dos valores de vida da criança, do adolescente e, por conseguinte, das mulheres e dos homens. Reconheça-se que a ausência total da poesia os condena a afundarem-se um pouco mais no tédio, nesse *spleen* contemporâneo na origem de tantas depressões profundas e de excessivas derivas para os territórios dos "paraísos artificiais". (JEAN, 1989, p. 13-14 - grifos do autor).

Quando Charles Baudelaire expõe suas crises existenciais, amorosas e o seu tédio, também está expondo as dores de toda uma sociedade cujos anseios e sofrimentos se assemelham e, ao ler seus versos, é possível aprender sobre o próprio sofrimento compartilhando o *spleen*[3] do poeta. A aprendizagem de si,

[3] Em francês, o termo *spleen* remete ao estado de tristeza pensativa ou melancolia associado ao poeta Charles Baudelaire. O *spleen* baudelairiano é um profundo sentimento de desânimo, isolamento, angústia e tédio existencial, que Baudelaire exprime em boa parte da sua obra.

enquanto processo autopoiético, carrega consigo a potência de recriar ideias, mundos, soluções e consequentemente, novos problemas rumo à compreensão do mundo.

Entretanto, avança sempre já que, ao solucionar-se determinado problema matemático, por exemplo, sempre haverá outro mais denso e desafiador, uma vez que vivemos em um universo em que as forças vitais e os diferentes campos de conhecimentos são complementares. As ciências, em geral, avançam de maneira semelhante ao investigar seus propósitos nas mais diversas áreas do conhecimento e são justamente os problemas da humanidade – as pedras no caminho – que induzem a própria humanidade a buscar outras respostas para que se possa, posteriormente, produzir novos questionamentos tal qual uma espiral infinita de eterna busca.

Nesse sentido, destacamos a relevância dos saberes enquanto aprendizagens poéticas, ou seja aprendizagens cujas práticas sejam dotadas de poesia, em contraponto aos saberes meramente racional científicos, ou seja, vivemos o tempo todo atravessados por elementos tecnológicos, naturais e estéticos sem, na maioria das vezes, atentarmos para os processos pelos quais estes saberes são perpassados. Ainda assim, experienciamos tais elementos num contexto de automatismo social no qual estamos mergulhados na contemporaneidade, mas isso não significa que não tenhamos o direito, ou o dever, ou ainda, a necessidade de parar um pouco e direcionar nossos olhares para a poesia que nos circunda e anima, inclusive, para os próprios saberes científicos. Entretanto, para escapar do mecanismo autômato faz-se necessário também aprender a olhar para ele, para essa pedra. Conforme propõe Edgar Morin:

> A sociedade humana possui um certo número de características que lhe permitem criar uma língua, uma cultura, um saber, e, ainda que essa sociedade seja criada pela interação entre indivíduos desde seu nascimento, e mesmo antes disso, é ela que atribui a esses indivíduos suas normas, suas proibições, sua língua, sua cultura. Em outras palavras, nós, indivíduos, produzimos a sociedade, mas a própria sociedade nos produz. (MORIN, 2001, p. 51).

A poesia, tal qual a sociedade, vai se configurando enquanto ação provocadora de buscas por outros sentidos para os acontecimentos da vida, isto é, enquanto ação ensinante. E, por isso, defendemos que seu movimento, mobilizador de nossos

mais sensíveis desejos de conhecimentos merecem estar amalgamados aos fazeres pedagógicos (científicos) de maneira que possam emergir, em qualquer ambiente – seja dentro ou fora dos espaços educacionais tradicionais – aprendizagens de si. Assim, a ação de ensinar, desde sempre imbricada à ação do aprender, pode ser vivida como uma experiência de alegria que é própria da especificidade humana, da nossa singularidade. Isto porque nos distingue e ao mesmo tempo pode nos aproximar dos demais, o que também passa a ser uma responsabilidade porque leva a compreender tais ações pedagógicas como poéticas, leves, e talvez por isso mesmo, mais profundas, mais da ordem das relações e os devires que provocam do que dos fatos consumados e já conhecidos da ciência.

Como ensinou Paulo Freire, "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 2011, p.12). A poesia enquanto ação ensinante não precisa – nem deve – restringir-se aos espaços escolares nem tampouco aos professores de Línguas e Literaturas pois a boniteza de um teorema matemático pode ser trazida aos aprendizes no contexto da arte e da época à qual se vincula o estudo. Os estudos históricos, geográficos, filosóficos e das demais ciências igualmente têm potencial para um ensino poético e para a beleza das regiões e dos tempos a serem desbravados culturalmente, pois:

> Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. (FREIRE, 2011, p. 101).

Para Gaston Bachelard as ações ensinantes permeadas de poesia são perfeitamente factíveis tanto nas ciências ditas humanistas quanto nas demais, visto que ele mesmo transitou poeticamente por esses diferentes campos de aprendizagem e de ensino. No que se refere à formação, o filósofo tem sua ideia de ensino centrada numa escola cujo ato de pensar seja sempre dinâmico, constante e dialógico e que, através do exercício do racionalismo docente/discente haja progresso espiritual no ser humano. Segundo ele:

> A quem deseja devanear bem, devemos dizer: comece por ser feliz. Então o devaneio percorre o seu verdadeiro destino: torna-se devaneio poético: tudo, por ele e nele, se torna belo. Se o sonhador tivesse "a técnica", com o

> seu devaneio faria uma obra. E essa obra seria grandiosa, porquanto o mundo sonhado é automaticamente grandioso. (BACHELARD, 1988, p. 13).

Assim como o próprio Bachelard caracterizou sua obra *A Poética do Devaneio* como um livro de lazer, compreendemos que as ações que mais potencializam as aprendizagens são aquelas que ocorrem nesse registro de leveza e de emoções, mas não de qualquer emoção. Aqui, nos referimos especialmente às emoções estéticas, que costumam emergir com experiências poéticas de maneira semelhante àquelas das brincadeiras. Ou seja, emoções que sentimos quando entramos em contato com uma obra de arte e nossa atenção é capturada por sua mensagem. Assim, podemos dizer que se trata de uma experiência afetiva, que nos afeta rumo à ação de contemplar o que estamos vivendo e desfrutar dessa alegria de encontrar-se e de reconhecer-se, relacionando-se consigo mesmo em plenitude autopoiética.

Poesia como aprendizagem política

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente, protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas.
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
[...]
- Não quero saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira

Pensar, viver, pesquisar, estar alegre e possibilitar alegria num processo educativo pensamos que seja um dos aspectos mais relevantes do ofício docente e da educação como ação de humanização. Enquanto nos inventamos – e reinventamos – nesse caminho pelo poético, durante uma pandemia mundial que imperativamente modificou a vida do nosso planeta e impôs novas regras para quase tudo e todos, percebemos o quanto estar alinhado àquilo que nos alegra e motiva, porque é o que somos e estamos sendo, é fundamental para qualquer ser

ontológico e seus respectivos processos. Por isso, sentimos a necessidade de destacar a ideia de que "não há nada de extraordinário, então, em considerarmos nosso ofício como um meio de possibilitar a outros que vivam a alegria das descobertas que nós próprios vivemos. Existe, em todo professor, a nostalgia de uma *cena primitiva*" (MEIRIEU, 2006, p. 25). Uma saudade das experiências originárias, prototípicas de nossa humanidade. Em ambos os sentidos vivemos a experiência de duas saudades: de uma existência humana poética, e de uma pedagogia cotidiana nutrida pela alegria dos encontros.

O trecho do poema intitulado Poética, de Manuel Bandeira, compõe a obra *Libertinagem* e é datado de 2005 o que, por si só, já diz muito sobre o poeta e suas bandeiras. No seu texto metapoético, o autor chama a atenção do leitor para a relevância do sentir e do expressar como sendo mais importantes do que as sintaxes e a língua vernácula. O Brasil da época ainda tateava em busca de uma expressão nacionalista e a poesia, ato político por natureza, não poderia ficar de fora pois o pensamento imagético tem o poder de trazer alguma estabilidade para que possamos transcender os modos de pensar e oportuniza, acima de tudo, outras escolhas que impulsionam nossas potências para intervir no mundo.

Desse modo, ao nos inserirmos com as palavras no mundo, estamos incessantemente, reinventando outros mundos de tal maneira que nossas fragilidades enquanto sociedade, enquanto ser ontológico, enquanto docentes vêm à tona – pelas próprias palavras – motivo pelo qual pensamos ter o dever de assumir, mais do que nunca e com urgência, a tarefa política de educar enquanto uma experiência feliz e, sobretudo por isso, transformadora. Afinal,

> Não posso compreender a função do corpo vivo senão realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo. Desse modo, a exteroceptividade exige uma doação de forma aos estímulos: a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as partes. (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 88).

Essa tarefa – a de educar – está vinculada desde sempre às provocações compartilhadas entre educadores e aprendizes e, desse modo, nossos corpos se colocam em constantes desafios para que, juntos, formemos a unicidade complexa do grande corpo chamado humanidade. Há necessidade, entretanto, que encontremos – quiçá na poesia – ânimo, empenho, vontade e energia nesse processo cujos obstáculos são contínuos. De acordo com Merleau-Ponty,

entendemos que as provocações externas que chegam pelas vias da aprendizagem – em linguagem – funcionam como condensadoras da consciência, formando, assim, uma alma com ânimo no sentido mais literal do vocábulo.

Em tempos obscuros como o que estamos vivendo, com desgastes emocionais que se vinculam às dores da desigualdade social e da destruição das poucas políticas públicas honestas que existiam, vimos nascer outras que se atrelaram ao ímpeto de calar a voz daqueles que ousam pensar, como os educadores e os cientistas, pensamos que uma boa dose de poesia seja extremamente útil para a vida e sobretudo para enfrentar essa cultura mercadológica e utilitarista que vem tomando espaços da educação. Necessitamos de poesia, hoje mais do que nunca, porque "na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo pré-datado, mas um desafio". (FREIRE, 2011, p. 73).

Talvez um mergulho no poético nosso de cada dia possa alimentar a alma do leitor voraz tal qual se define Bachelard (1988) em *A Poética do Devaneio*, quando pede ao deus da leitura que lhe conceda "a fome de cada dia". Talvez esse mergulho possa ainda facilitar travessias não apenas nesse singular período, mas também depois e sempre. Pode ser que, ao adentrarmos o poético, possamos, em autopoiese, emergir outro(s), diferente(s), potente(s), como quem se aventura pela raiz fasciculada do rizoma e suas múltiplas possibilidades e devires, para que possamos (voltar a) sonhar[4].

Nesse sentido, "A desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança." (FREIRE, 2011, p. 71). Nessa mesma perspectiva:

> Eis por que Mario Vargas Llosa, ao receber o prêmio Nobel em 2010, afirmou que "um mundo sem literatura se transformaria num mundo sem desejos, sem ideais, sem desobediência, um mundo de autômatos privados daquilo que torna humano um ser humano: a capacidade de sair de si mesmo e de se transformar em outro, em outros, modelados pela argila dos nossos sonhos". (ORDINE, 2016, p. 13).

Com relação à Educação e suas contribuições para a emergência no mundo de pessoas livres, pensantes, críticas e conscientes de si e do outro, é imprescindível

[4] Tanto aqui quanto no fragmento que segue o vocábulo, sonhar tem sentido de projetos, desejos, utopias, fantasias, experiências.

que conheçam (e aprendam) a si mesmas. Para que uma criança venha a se tornar um jovem ou adulto conhecedor de sua potência criadora ela precisa se conhecer. A construção identitária de um estudante envolve aprendizados importantes como o conhecimento do seu lugar de fala, do seu lugar social, da sua condição de raça, de língua, de laços afetivos e é claro, sua ação corporal e política no mundo em que vive, que serão suas escolhas e experiências em aprendizagem.

A argila com a qual um estudante se modela é a linguagem intrínseca ao quanto ele está ou não imergindo-emergindo e experimentando sentidos em tudo aquilo a que for desafiado, provocado e inspirado nas propostas de aprendizagem. Na linguagem e pela linguagem somente é que todas essas potências têm os meios de manifestar-se – ou apagar-se – na complexidade daquela pessoa, seja uma criança, um jovem ou um adulto, que atribui sentidos outros a cada novo mundo que se lhe configure pelo caminho do aprender. Sobre essas experiências é importante observar o que diz Octávio Paz quando trata da importância da transgressão que é inerente à linguagem:

> A primeira tarefa do pensamento consistiu em fixar um significado preciso e único para os vocábulos; e a gramática se converteu no primeiro degrau da lógica. Mas as palavras são rebeldes à definição. E ainda não cessou a batalha entre a ciência e a linguagem. (PAZ, 1982, p.16).

Merleau Ponty, quando aponta para a opacidade inerente à linguagem, cuja incapacidade de dizer tudo aquilo que ousamos sonhar, bachelardianamente falando, chama a atenção para que a compreendamos como uma espécie de rebeldia transgressora das palavras. Isto porque, dificilmente as palavras dão conta de tudo aquilo que a imaginação, intuição ou inspiração desejam expressar porque os sentidos atrelados à grafia ou à verbalização são variáveis para cada indivíduo, ou seja, cada indivíduo (re)significa o mundo o tempo todo de acordo com o seu próprio domínio de conhecimentos de si e do próprio mundo.

Nesse sentido e a partir dessas ressignificações, recriamos o tempo todo, novos mundos, ideias, possibilidades de construções linguageiras. É partindo dessa rebeldia que luta contra as definições, os dicionários, as traduções e a própria linguagem como potência produtora de sentidos, que Octávio Paz afirma que o

pensamento não acaba por ser significado[5] pelas palavras, ou seja, ele vai além e continua após as palavras, porque segue falando nos silêncios também.

A rebeldia, assim, não se restringe às palavras – ditas ou não – neste processo que se construiu e no qual nos construímos ao mesmo tempo. A ousadia de sonhar em tempos obscuros com coragem – ou mesmo com medo – está diretamente vinculada à atitude de lutar por uma educação de qualidade sensível à vida. Há pouco nossa democracia agonizava, já quase sem fôlego, tal qual os doentes pelos hospitais do mundo, e, portanto, reforçamos nossa opção de escolher um destino poético, um lugar de poesia. Renovamos nosso ânimo como o ar que insufla a vida, ao defender uma aprendizagem alegre e o devaneio lúcido de acreditar nessa potência, mesmo sabendo que requeira árduos afazeres. Estes são os traços mais evidentes da nossa insubordinação e é por isso que insistimos, resistimos e – quem sabe – (re)existimos.

O poema *Convite* de José Paulo Paes, por exemplo, é rebelde por excelência tanto quanto o poema intitulado *Poética* de Manuel Bandeira pois evidenciam a potência da literatura, da escrita e da arte em detrimento do objeto/brinquedo cujo desgaste natural acaba levando-o a ser esquecido num canto qualquer, bem como das normas/regras de escrita. Assim como a canção *O caderno*, na qual Francisco Buarque de Holanda exalta as memórias e as emoções vividas e coloca a escrita num patamar superior de importância para a vida afora, também a *Poética* de Manuel Bandeira o faz. E, no que diz respeito a esta nossa obra, não se trata apenas de escrita formal acadêmica, mas também de pontuar aqui o registro das nossas emoções e das aprendizagens tanto da escola quanto da vida, nessa condição de donos do caderno, reverberando o posicionamento ideológico desses e outros tantos poetas e poetisas sobre a arte da escrita poética.

Assim como José Paulo Paes e Manuel Bandeira nos rebelamos à lógica do utilitarismo e das amarras que impedem a liberdade dos devaneios nesta pesquisa e neste convite a sonhar pelas palavras, pelos sentidos poéticos de tudo aquilo que puder atribuir pelo caminho. Pode ser que, para muitos, a ação de observar com sensibilidade um pôr-do-sol, uma chuva que cai, uma flor que desabrocha, uma rua, uma pedra ou ler um poema, nada possua de útil ou valorável como apregoa a

[5] O vocábulo /significado/ aqui deve ser entendido tanto como o signo Saussuriano, quanto a ideia de traduzir, trazer sentido, explicar, tornar claro também.

cultura mercadológica, mas para "um sonhador de palavras" bachelardiano o devaneio está num patamar superior.

Desde a Grécia antiga, berço da cultura e da democracia, também os atenienses enfrentaram problemas políticos devido à pluralidade de ideias já naquela época, resultando em guerras como a do Peloponeso[6], por exemplo, o que veio a trazer modificações políticas importantes no curso da história. Dito isso, cabe ressaltar a relevância da cultura, das artes e da liberdade de voz que havia para os homens nesse período, pois era irrestrita e incentivada tanto nos banquetes privados como nos espaços públicos. Destacamos abaixo um trecho integrante de *O Banquete* de Platão para evidenciar algumas considerações sobre as liberdades nos campos da arte e da política em evidência na época:

> E o que nos cabe utilizar como testemunho de que é um bom poeta o Amor, em geral em toda criação artística pois o que não se tem ou o que não se sabe, também a outro não se poderia dar ou ensinar. E em verdade, a criação dos animais todos, quem contestará que não é sabedoria do Amor, pela qual nascem e crescem todos os animais? Mas, no exercício das artes, não sabemos que aquele de quem este deus se torna mestre acaba célebre e ilustre, enquanto aquele em quem Amor não toque, acaba obscuro? E quanto à arte do arqueiro, à medicina, à adivinhação, inventou-as Apolo guiado pelo desejo e pelo amor, de modo que também Apolo seria discípulo do Amor. (PLATÃO, 2020, p. 137).

Nessa obra os convivas presentes no banquete apresentam diversas maneiras de definir o amor e, neste trecho especificamente, há uma conexão filosófico-conceitual entre o ofício dos poetas e o amor, ficando evidente que estes seriam uma personificação do amor. Mas para além dessas contextualizações, é relevante observar que os conceitos de liberdade para falar e opinar – direito democrático – é também uma tarefa educacional na medida em que é outorgada ou não aos estudantes essa abertura. Tanto a libertinagem exaltada em *A Poética* de Manuel Bandeira quanto as liberdades de fala presentes em *O Banquete* de Platão falam, em essência, das liberdades ontológicas de pensar, falar, agir e criar.

[6] A guerra do Peloponeso foi resultante rancor entre Atenas e Esparta que remonta pelo menos ao período das Guerras Médicas, durante as quais alguns eventos geraram choques de interesses entre as duas *póleis*. O início do conflito foi marcado por uma série de vitórias atenienses, que conseguiram suplantar as forças lacedemônias tanto pelo mar quanto pela terra. Em 454 a.C., contudo, uma grande parte da frota ateniense que fora enviada ao Egito para apoiar uma revolta Líbia contra o Império Aquemênida foi destruída, levando Atenas a declarar uma trégua de cinco anos com Esparta. O conflito foi reacendido em 448 a.C., com a Segunda Guerra Sacra e desta feita Atenas se viu em desvantagem (GUERRA..., 2021).

Em outras palavras, são ideias libertadoras que pretendem o uso da expressão da linguagem em qualquer modalidade como uma fonte não apenas de conhecimento, mas também – e principalmente – de alegria e prazer. E a linguagem poética é libertina por natureza pois não se deixa conter, ela se esvai, desliza, é fugidia já que "poesia é algo de múltiplo; pois toda causa de qualquer coisa passar do não-ser ao ser é poesia, de modo que as confecções de todas as artes são poesias, e todos os seus artesãos poetas" (PLATÃO, 2020, p. 39). Nesse sentido, a arte de ensinar é essencialmente poética e seus ensinantes artesãos poetas que, fundindo os conceitos de Amor e sabedoria – que aqui nomeamos educação – se estende para as artes e todos os demais saberes e fazeres.

Para Platão é da aproximação mais estreita entre a filosofia e a poesia que se poderá viver bem, alcançando, assim, a felicidade ou a eudaimonia. Importante salientar que nosso foco nesta reflexão – fruto de uma ação investigativa – está voltado para a fruição sensível. Desse modo, seguimos rumo às possibilidades de experimentações poéticas assim como os roteiros cotidianos da complexa teia do fazer docente. E, por mais que haja pedras – e sempre haverá – pelos caminhos, elas também podem se transformar em aprendizagem, sempre que observadas com poesia, já que o próprio fazer docente, quando pleno de sensibilidade assim como o defendemos, se constitui como ato de resistência poética.

Poesia como modo de aprender-se

Com licença Poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

A busca de si, por aprender-se é ontológica à espécie humana desde que o homem começou a perceber-se, gerando assim, um desejo por uma compreensão de si. Os questionamentos humanos mais antigos pensados pelos filósofos estão ligados às três grandes inquietações: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? São essas questões que compõem a base do pensamento filosófico. Os saberes, de maneira geral, especialmente na nossa sociedade Ocidental sempre foram tratados como obscuros, difusos, complexos e pertencentes a poucos iluminados ou iniciados. Ainda na atualidade não há uma cultura popular que incentive ou privilegie a descoberta, a investigação, a pesquisa em grande parte das manifestações culturais. Quando Sócrates, por volta do século IV a.C., recebe a mensagem do oráculo com o ensinamento "Conhece-te a ti mesmo" logo percebe que a mensagem remetia a uma busca pessoal por autoconhecimento, o que lhe tornaria mais sábio. Assim como Sócrates pôde, através de suas elucubrações filosóficas, assimilar aquele aprendizado recebido do oráculo, também tendemos a pensar que:

> Como uma previsão é uma intenção de tratar uma situação qualquer como um sistema determinado em sua estrutura para logo computar suas mudanças estruturais, o observador deve conhecer a estrutura do sistema de que fala para prever ou ordenar suas mudanças estruturais. (MATURANA; VARELA, 2006, p. 25, tradução nossa)[7]

O que foi fundamental para que Sócrates pudesse deduzir acerca daquele aprendizado foi, portanto, o conhecimento que ele possuía a respeito das estruturas mais complexas do pensamento da lógica e do exercício contínuo de raciocinar e, se for aplicada essa lógica a qualquer estrutura como dizem Maturana e Varela, é possível também assimilar – ou computar – as transformações – o aprendizado.

No momento exato em que pensamos e escrevemos a respeito do ato de pensar e criar também estamos num processo autopoiético[8], visto que recriamos e reinventamos, em linguagem, essas estruturas biológicas e semânticas de maneira auto-eco-organizativa. E, assim como na docência, o conhecimento e a busca pelos

[7] Como una predicción es un intento de tratar una situación cualquiera como un sistema determinado en su estructura para luego computar sus cambios estructurales, el observador debe conocer la estructura del sistema de que habla para predecir o computar sus cambios estructurales.

[8] Autopoiese ou autopoiesis (do grego auto "próprio", poiesis "criação") é um termo criado na década de 1970 pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Autopoiese).

saberes é contínuo no fazer cotidiano e Sócrates percebia isso e vivia embriagado pela busca incessante da sabedoria e da aprendizagem.

Ao longo destas reflexões trouxemos para o diálogo diversos exemplos de poéticas, desde aquelas que tratam da poesia e da arte quanto as construções em versos denominadas poemas. O texto de Adélia Prado que abre essa seção traz diversas peculiaridades. Dentre elas, destacamos algumas relevâncias como: a) Por se tratar de uma construção poética, sob os andaimes da métrica e da rima é também um tipo de autorretrato ou autobiografia do eu lírico no momento em que a autora conta sua trajetória desde o nascimento. Mas é interessante perceber que após o nascimento, as sucessões que ela julga relevantes não são acontecimentos em si. São suas ideias, opiniões, crenças e finaliza comparando-se ao sujeito lírico do poema de sete faces de Carlos Drummond Andrade, colocando-se num patamar superior a ele; b) Já no título a autora deixa clara a intenção de dialogar com o poeta itabirano bem como coloca-se numa condição feminina que é, sobretudo da diferença e da ousadia; c) O poema evidencia um eu-lírico que sabe de si, que sabe dos seus ideais, que conhece suas batalhas e, acima de tudo, tem consciência da sua bandeira.

Nossa opção por este poema se deu especialmente por se tratar de uma das apresentações mais marcantes de intertextualidade, mas também por se tratar de uma construção poética e autopoiética na qual a autora se recria a partir do que era – ou deveria ser – sua sina de mulher: o casamento, os filhos, as dores, transformando-se, pela poesia, no que deseja ser: desdobrável, que tem potência para ser maior, para expandir-se sem maldição, com alegria de viver, fazer-se e olhar-se pela escrita, pelos versos.

Esse olhar-se, buscar-se, procurar-se que encontramos nesse recorte de Adélia Prado é, como já dito, uma busca ontológica que perpassa a história da humanidade na maioria das civilizações. Mas sobretudo é uma busca que se intensifica e se adensa àqueles que se voltam para as Artes e as Ciências Humanas de maneira mais poética e, por isso mesmo até, mais provocadora de mudanças, perturbadora de uma certa ordem enfadonha e desumana do nosso tecido social/cultural.

Essa incessante gestação de mundos, identidades, acontecimentos e as mais variadas experiências acontecem, em parte, porque de acordo com Jorge Luis

Borges (2019, p. 80) “as palavras começaram, em certo sentido, como mágica”. Para o poeta, elas possuem uma energia, uma espécie de força, cuja potência é capaz de fundar mundos, criando cenas primitivas e, portanto, inaugurais. O que percebemos em Borges (2019) ao ler esta metáfora, é o quanto de possibilidades a linguagem tem condições de operar, ou seja: infinitas variabilidades. E, ao pensar nessa magia das palavras, seguimos o convite que nos fazem as palavras a deixar-nos (re)inventar em *autopoiesis* neste caminho, passo a passo, susto a susto, a cada acontecimento.

Salientamos que diversos outros poetas se construíram também de maneira semelhante à Adélia Prado e a Carlos Drummond de Andrade buscando uma aproximação entre a escrita poética e a autopoiese, como por exemplo Mário Quintana em *Auto-retrato*. Neste poema o poeta se pinta em versos ora sendo nuvem, ora sendo árvore, levando o leitor ao devaneio de imaginar como ele seria através das suas metáforas. Na letra da canção denominada *Até o fim*, de Francisco Buarque de Hollanda, o poeta também dialoga com o poema de sete faces drummondiano construindo uma autobiografia irreverente que atribui ao anjo adjetivos como “safado” e “chato” que lhe confere a predestinação à errância e à irreverência. Na poética dessa canção, igualmente o autor se olha, se descreve e se reinventa a partir das palavras e dos sentidos que a elas atribui. Trazemos essa polifonia bakhthiniana com as diversas vozes desses diferentes autores para ilustrar também, metaforicamente, as multiplicidades potentes tanto dos ambientes educacionais quanto da própria vida em sociedade, na qual muitas vezes, nem sequer são percebidas devido ao nosso modo de vida autômato (BAKHTIN, 1997).

Tais ações, experimentadas por esses sujeitos líricos sobre os modos de aprender-se pela palavra poética, constituem o que aqui nomeamos autoconhecimento pela poesia. Essa potente ação de falar – ou escrever – de si é um processo de aprendizagem porque falar de si é aprender-se. Essa ação de olhar para si como se houvesse um espelho é igualmente conhecer-se e a relevância dessas aprendizagens é ontológica e fundamental para que, enquanto docentes, nos nossos fazeres cotidianos, possamos sempre e cada vez mais provocar os nossos estudantes para que realizem conosco tais travessias/aprendizagens.

Por outras palavras, o que pretendemos enfatizar é que um educador que se conhece, que se sabe, que se olha é um educador que terá melhores condições de

provocar em seus aprendizes processo semelhante de auto busca. E esta busca de si está intimamente ligada a todas as escolhas e potências futuras com as quais os aprendizes irão lidar quer sejam as mais corriqueiras até as opções pela profissão, pela sua singularidade e pelas suas motivações ideológicas, por exemplo. Isto porque nos inquieta a ideia de passividade e de aceitação de uma existência autômata, desprovida de poesia e de autopoiese no cotidiano da vida e da Educação.

Desse modo, esta reflexão, devaneio, viagem que fazemos pelas palavras é um contínuo convite à conexão consigo mesmo, a olhar-se, a aprender-se de maneira que, ao rememorarmos nosso nascimento, saibamos identificar que tipo de anjo veio até nós. Se era esbelto, torto, safado ou se era um anjo ainda à espera de definição, de criação poética, de autopoiese. Esta nossa escrita é também um convite a refletir sobre qual(is) bandeira(s) me – nos – representam ou pretendo(emos) representar pois aqui declaramos, tal qual Paulo Freire (2011) em *A Pedagogia da Autonomia*, nossa "preocupação com a natureza humana, a que devo minha lealdade sempre proclamada".

E, assim como o carteiro do poeta Pablo Neruda[9] que se transformou e passou a carregar sua bandeira do amor e da militância política porque entrou em contato com a poesia e pôde conhecer-se, também nos transformamos e seguimos nos transformando a cada dia em seres mais conscientes do nosso papel social. É porque nos tornamos mais críticos e autocríticos, mais sensíveis, mais atentos, mais alegres, mais criativos e, sem dúvida mais felizes por ter vivido experiências poéticas, é que embarcamos nessa travessia. Mas é também porque acreditamos que outras pessoas igualmente possam emergir diferentes de experiências desse tipo pois "a poesia nos proporciona documentos para uma fenomenologia da alma. É toda a alma que se entrega com o universo poético do poeta" (BACHELARD, 1988, p. 14). Ainda de acordo com o filósofo:

> Essa adesão ao invisível, eis a poesia primordial, eis a poesia que nos permite tomar gosto por nosso destino íntimo. Ela nos dá uma impressão de juventude ou de rejuvenescimento ao nos restituir ininterruptamente a faculdade de nos maravilharmos. A verdadeira poesia é uma função de despertar. (BACHELARD, 1998, p. 18).

[9] Tanto no livro quanto no filme, o personagem do carteiro vive uma metamorfose que passa de um filho de pescador semi-letrado a um produtor de versos e ativista após conhecer e relacionar-se com o poeta Pablo Neruda, no período do seu exílio.

É, portanto, desse frescor poético, dessa boniteza do aprender que a verdadeira poesia pode alimentar os despertamentos para o sensível de cada um. O maravilhamento, entretanto, não pode ser transferido, pois necessita ser experienciado, vivido, sentido, apreendido. Mas pode, certamente, ser provocado, convidado a sentar-se nos banquetes da vida e das potencialidades de ensinar e aprender, porque:

> É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E, quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. (FREIRE, 2011, p. 131).

Em conformidade com esse trecho de *A pedagogia da Autonomia*, defendemos a necessidade incessante de esperançar nossos fazeres com inteireza, criticidade e curiosidade. Defendemos a importância de jamais olvidar a necessidade da emoção, do sensível e dos afetos que, na multiplicidade complexa de nossas experiências sociais, pessoais e educacionais são e serão os pilares mais robustos do nosso interminável processo de auto busca e de autoconstrução no/do fazer docente/discente.

ABSTRACT: The poetic art goes through the history of humanity and transcends our prosaic experiences. It is present here some experiences of knowledge by this language pathway of day-to-day poetic of doings and tasks in Education. We put light into the aesthetic experiences in the mundane life of educators who choose the beauty in learning as experiences of poetry in daydreaming action for fruition capable of provoking the imaginary. Among the poetic learning possibilities, we draw the attention to the learning of ourselves, whose experiences can contribute to the self-knowledge and the construction of a reflective, sensitive and autopoietic identity.

Key-words: Sensitive. Poetic. Reverie. Education. Language.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1987.

ARISTÓTELES. **Arte poética.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

BACHELARD, Gaston**. A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JEAN, Georges. **Na escola da poesia.** Lisboa: Instituto Piaget, 1989.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquina y seres vivos:** autopoiesis la organización de lo vivo. Santiago: Editorial Universitaria, 2006.

MEIRIEU, Phillipe. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Paris: Edições Gallimard, 1945.

MORIN, Edgar. **Ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

NERUDA, Pablo. **O livro das perguntas.** Porto Alegre: L&PM, 2004.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil.** Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PAES, José Paulo. **Poemas pra brincar.** São Paulo: Ática, 1991.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Coleção Logos).

PLATÃO. **O banquete.** São Paulo: Martin Claret, 2020.

PRADO, Adélia. **Bagagem.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

QUINTANA, Mário. **Apontamentos de História sobrenatural**. Porto Alegre: Globo, 1984.

SPLEEN. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Spleen. Acesso em: 16 out. 2021.

TAUVERON, Catherine. Comprendre et interpréter le littéraire à l'école: du texte réticent au texte proliférant. **REPÈRES – Recherches en Didactique du Français Langue Maternelle**, Lyon, n. 19, p. 9-38, 1999.

Artigo recebido no 1º semestre de 2023.
Artigo aceito no 2º semestre de 2023.